

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Este artigo analisa a construção e consolidação do Movimento Autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e Região Metropolitana (MovAT), destacando sua relevância no cenário contemporâneo das lutas trans e travestis, no Brasil. Busca-se compreender de que modo a autonomia, enquanto princípio ético e organizativo, orienta práticas políticas que desafiam formas institucionais de participação e produzem modos alternativos de existência coletiva. A pesquisa se desenvolveu por meio de abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica, análise de documentos produzidos pelo próprio movimento, relatos de participantes, além de observação situada em atividades como reuniões, oficinas, caminhadas e ações culturais. Os resultados evidenciam que o MovAT constitui continuidade crítica das mobilizações trans que o antecederam, reposicionando o fazer político a partir do cotidiano, da cultura e do corpo. Destacam-se a Caminhada da Visibilidade Trans e o Bloco MovAT como expressões centrais de sua ação pública, nas quais política e estética se articulam na disputa simbólica do espaço urbano e na afirmação de humanidade. Conclui-se que o movimento contribui para ampliar o horizonte democrático ao articular o repertório autonomista com uma epistemologia transfeminista decolonial, utilizando a performance (ativismo) como tática de retomada do corpo-território no espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE

MovAT. Autonomismo. Transfeminismo Decolonial. Corpo-Território. Ativismo.

RESUMEN

Este artículo analiza la construcción y consolidación del Movimiento Autónomo Trans y Travesti de Belo Horizonte y Región Metropolitana (MovAT), destacando su importancia en el contexto contemporáneo de las luchas trans y travestis en Brasil. El objetivo central es comprender cómo la autonomía, entendida como principio ético y organizativo, orienta prácticas políticas que cuestionan las formas institucionales de participación y generan modos alternativos de existencia colectiva. La investigación se desarrolló utilizando un enfoque cualitativo, combinando la revisión de la literatura, el análisis de documentos producidos por el propio movimiento, los relatos de los participantes y la observación situada de actividades como reuniones, talleres, paseos y eventos culturales. Los resultados muestran que el MovAT constituye una continuidad crítica de movilizaciones anteriores, desplazando el eje de la acción política hacia el cotidiano, la cultura y el cuerpo. Se destacan la Caminata de la Visibilidad Trans y el Bloco MovAT como expresiones centrales de su presencia pública, donde lo político y lo estético se articulan en la disputa simbólica del espacio urbano y en la afirmación de humanidad. Se concluye que el movimiento contribuye a ampliar el horizonte democrático al articular el repertorio autonomista con una epistemología transfeminista decolonial, utilizando la performance (ativismo) como táctica de re-apropiación del cuerpo-territorio en el espacio urbano.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

PALABRAS CLAVE

MovAT. Autonomismo. Transfeminismo Decolonial. Cuerpo-Territorio. Artivismo.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

1 Introdução

Os estudos sobre movimentos sociais trans¹ e travestis têm se consolidado nas últimas décadas como um campo relevante das ciências humanas e sociais, revelando as múltiplas formas pelas quais pessoas trans constroem estratégias coletivas de resistência à marginalização e de afirmação política e cultural (Tabita Said e Joyce Tenório, 2024). No Brasil, o contexto de violações de direitos e de extrema violência estrutural torna ainda mais urgente compreender os modos de organização social e militante dessa população, que historicamente resiste à exclusão e ao silenciamento. De acordo com dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, o país segue liderando o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans e travestis pelo 16º ano consecutivo² (Bruna Benevides, 2025), cenário que também se reproduz em Minas Gerais. Um relatório do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG e do Ministério Público de Minas Gerais registrou cinquenta homicídios de pessoas trans entre 2014 e 2015, sendo vinte e seis deles na Região Metropolitana de Belo Horizonte (Marcos Aurélio Máximo Prado *et al.*, 2018).

Contudo, para além da urgência imposta pela necropolítica, a emergência de movimentos autônomos como o MovAT sinaliza também uma lacuna teórica na literatura sobre

¹ Utiliza-se “trans” para se referir às identidades transexuais e transgêneras, e “travesti” por se compreender que o apagamento da categoria “travesti” sob o guarda-chuva generalizante de “trans” produz uma homogeneização que desconsidera as especificidades históricas, políticas e culturais do contexto brasileiro. Trata-se, portanto, de uma escolha metodológica e política que busca afirmar a centralidade das travestis como sujeitas de produção de saber e de transformação social, reconhecendo que a inclusão nominal é também um gesto de reparação epistemológica frente às dinâmicas de invisibilização historicamente operadas inclusive dentro do campo das identidades trans. Para aprofundamento das categorias “gênero”, “cisgênero”, “transgênero”, “transexual”, “travesti” e correlatas, indicam-se como referências fundacionais os trabalhos de Jaqueline Gomes de Jesus (2012) para uma leitura didática, e os escritos de Beatriz Pagliarini Bagagli (2015) e Jesus (2015) para uma compreensão acadêmica.

² Os órgãos estatais brasileiros de produção de dados, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, não produzem estatísticas oficiais específicas sobre assassinatos de pessoas trans e travestis, tampouco há sistemas oficiais consolidados de outros países que permitam uma comparação padronizada com a realidade brasileira. A ausência desses levantamentos não implica deslegitimar o monitoramento realizado pela Antra, sobretudo porque publicações de referência – entre elas o Atlas da Violência 2024 e o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024 – citam expressamente os dados da entidade como fonte (Bruna Benevides, 2025).

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

movimentos sociais. Enquanto a pesquisa tem mapeado extensivamente as relações entre o movimento trans e o Estado, notadamente os avanços e limites da institucionalização (Thiago Coacci, 2019), permanece sub-teorizada a emergência de organizações que adotam o repertório autonomista. Não se compreende plenamente como esses coletivos articulam uma práxis política que funde a recusa da tutela estatal (autonomia) com epistemologias corporificadas (transfeminismo) e a disputa pelo espaço urbano (ativismo). Este artigo preenche essa lacuna ao analisar o MovAT como um caso exemplar dessa articulação.

A luta das pessoas trans e travestis, no entanto, não se resume à sobrevivência. Organizar-se politicamente é reivindicar a plenitude da vida – direito à saúde, à educação, à cultura, ao trabalho e ao lazer –, dimensões ainda negadas por um “cistema”³ que estrutura desigualdades e reserva cidadania plena a poucos. Nessa disputa por reconhecimento e redistribuição, a emergência e a consolidação de movimentos autônomos trans têm se mostrado fundamentais. Em Belo Horizonte, o MovAT surge como expressão potente dessa articulação, reunindo pessoas trans, travestis e não-binárias em torno de pautas de autonomia, cultura, visibilidade e transformação social. Sua existência representa, portanto, um marco simbólico e político na cena contemporânea da militância trans na capital mineira e sua região metropolitana.

Diante desse cenário, este artigo parte da seguinte questão-problema: como o MovAT se constitui e se consolida como uma experiência coletiva autônoma de organização política, cultural e social de pessoas trans e travestis? O objetivo geral consiste em apresentar e analisar a trajetória de construção e consolidação do MovAT, contextualizando-o no conjunto dos movimentos trans da cidade e evidenciando suas formas de organização, atuação e incidência política e cultural.

³ O uso do termo “cistema” constitui uma crítica à centralidade e à normatividade da cisgeneridade na organização social, linguística, jurídica e epistêmica. Inspirado na dissertação de Viviane Vergueiro (2015), o termo propõe uma leitura transfeminista que evidencia como o “sistema” é, em sua base, um *cistema*, isto é, um arranjo estruturado pela cisgeneridade como norma reguladora das identidades e das corporalidades, responsável por sustentar hierarquias e exclusões de gênero.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Para atingir esse objetivo, o artigo busca contextualizar o surgimento do MovAT no cenário mais amplo da militância trans em Belo Horizonte, analisar suas práticas de autonomia, horizontalidade e coletividade, examinar suas principais ações públicas – como as Caminhadas da Visibilidade Trans e o Bloco MovAT – enquanto expressões de resistência e produção de visibilidade, e refletir sobre a importância política e simbólica desses movimentos autônomos para a luta por direitos e para a construção de novas epistemologias e práticas de cidadania (Gayatri Chakravorty Spivak, 2010). Ao articular esses eixos, pretende-se compreender de que modo o MovAT se insere nas dinâmicas locais de militância e, ao mesmo tempo, propõe novas formas de organização e de construção do comum.

A metodologia adotada combina abordagens qualitativas e participativas, orientadas por uma perspectiva situada, em que as pessoas pesquisadoras se reconhecem como integrantes do próprio movimento estudado. Foram utilizados como métodos a pesquisa bibliográfica e documental, a análise de matérias jornalísticas sobre o MovAT, além da coleta de relatos e depoimentos de participantes. Essa estratégia metodológica visa valorizar as experiências e narrativas produzidas pelas próprias pessoas trans, rompendo com o distanciamento tradicional entre pesquisador e objeto e afirmando a escrita de si como prática política e epistemológica.

Assim, busca-se contribuir para o registro e fortalecimento das lutas travestis e trans em Belo Horizonte, evidenciando a relevância dos movimentos autônomos como espaços de resistência, criação e afirmação coletiva frente às normas cisheteronormativas⁴ e às estruturas excludentes do capitalismo contemporâneo.

⁴ Desde o final do século XX, críticas feministas e queer vêm demonstrando que sexualidade e gênero não são fatos naturais, mas produtos de arranjos sociais e políticos. Adrienne Rich (2012) identifica a heterossexualidade como uma instituição que limita a autonomia das mulheres, enquanto Michael Warner (1993) a descreve como norma compulsória sustentada por práticas e expectativas sociais, aprofundadas por Lauren Berlant e Warner (1998) ao mostrarem sua atuação na organização do espaço público. Em paralelo, Julia Serano (2007) evidencia que a cisgeneridade também é tratada como padrão universal por meio da cisheteronormatividade. A articulação entre esses dois regimes – o que privilegia a heterossexualidade e o que centraliza a cisgeneridade – compõe a cisheteronormatividade, isto é, a lógica que define quais vidas são reconhecidas como legítimas. Nesse quadro, a marginalização de travestis e pessoas trans não representa um desvio, mas um efeito direto da forma como esse regime normativo estrutura o social e o jurídico.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

2 Autonomia, insurgência e produção de mundo: o sentido político do MovAT

A emergência do MovAT insere-se em um campo histórico de lutas trans e travestis que, desde a década de 1990, vem disputando espaços de visibilidade, cidadania e sobrevivência na capital mineira. A história dessa militância é marcada por tensionamentos entre institucionalização e autonomia, reconhecimento e controle, direitos e tutela. Em Belo Horizonte, como em diversas cidades brasileiras, os primeiros coletivos e lideranças trans se articularam em torno de pautas ligadas à saúde e aos direitos humanos, muitas vezes vinculadas a ONGs ou programas públicos que emergiram no contexto da epidemia de HIV/AIDS e das políticas de enfrentamento à violência de gênero.

Essas experiências tiveram um papel fundamental na construção de redes de solidariedade e na abertura de canais de diálogo com o Estado. No entanto, também se formaram sob condições assimétricas, nas quais a presença institucional servia, muitas vezes, como forma de gestão da diferença. Como aponta Thiago Coacci (2019), o processo de institucionalização das políticas LGBT em Belo Horizonte produziu tanto visibilidade quanto limites, uma vez que a mediação estatal implicava formas de regulação da militância e de enquadramento das demandas em discursos administráveis. Em diálogo com autoras como Berenice Bento (2021) e Viviane Vergueiro (2015), compreende-se que as políticas de inclusão, ainda que necessárias, não desarticulam as hierarquias de poder que estruturam a cisnormatividade, deslocando apenas as fronteiras da exclusão e produzindo novas formas de silenciamento.

O MovAT emerge como reação crítica a esse modelo de militância mediada e como tentativa de construir uma prática política autônoma, horizontal e plural, que não dependa do reconhecimento institucional para existir. Aqui, a “autonomia” deixa de ser apenas uma categoria nativa para dialogar com uma robusta tradição teórica: o autonomismo. Essa prática se insere no “repertório autonomista” (Flávia de Faria, 2020) que se tornou central no ativismo brasileiro pós-2013 (Ilse Scherer-Warren, 2014), caracterizado pela crítica antissistema e pela forma “coletivo”. A horizontalidade e a autogestão (Sílvia Gallo, 2007)⁶ são, portanto,

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

escolhas políticas deliberadas que contrapõem a práxis do MovAT aos modelos hierárquicos de ONGs e partidos. Seu surgimento expressa o desejo de um movimento que recuse a lógica de tutela e se organize de forma coletiva, criativa e autogestionada. Ao reunir pessoas trans, travestis e não-binárias em torno de pautas políticas e culturais, o MovAT redefine o próprio sentido de “movimento”, deslocando-o da esfera institucional para o campo da vida cotidiana, das ruas e das redes afetivas.

Esse gesto de autonomia não deve ser lido como ruptura absoluta com o passado, mas como reconfiguração de uma trajetória. O MovAT herda o acúmulo de lutas e aprendizados de coletivos anteriores, ao mesmo tempo em que reposiciona suas práticas no presente. A militância que antes se realizava majoritariamente em espaços institucionais passou a se expressar por meio de eventos culturais, intervenções artísticas e ações comunitárias, em uma aposta na cultura como linguagem política. Assim, o movimento transforma o carnaval, a arte e o encontro em territórios de visibilidade e disputa simbólica, fazendo do corpo e da performance instrumentos de resistência.

Essa dinâmica se inscreve no que Berenice Bento (2021) identifica como uma política trans de autodefinição, na qual o sujeito trans não é objeto de políticas, mas autor de seus próprios enunciados. O MovAT traduz esse princípio em práticas concretas: suas assembleias, reuniões abertas e frentes de trabalho não apenas produzem organização, mas elaboram saberes coletivos e estratégias de cuidado mútuo. A horizontalidade, nesse contexto, é mais do que uma forma de gestão, é um valor político que afirma a possibilidade de outro modo de fazer política, ancorado em vínculos afetivos, partilha e solidariedade.

A atuação do MovAT também tensiona as formas tradicionais de visibilidade pública. Se as políticas de reconhecimento costumam operar pela lógica da representação (a figura da “liderança trans” que fala por um grupo), o movimento propõe uma visibilidade compartilhada, em que o protagonismo é coletivo e difuso. Essa escolha política se aproxima do que Sayak Valencia (2022) chama de transfeminismo em ação, no qual o corpo e o território se tornam campos de intervenção política e epistemológica. Em Belo Horizonte, isso se expressa de modo

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

contundente nas Caminhadas da Visibilidade Trans e no Bloco MovAT, que ocupam o espaço urbano como extensão da luta e da celebração da vida.

O MovAT representa, portanto, uma continuidade crítica do movimento trans e travesti belo-horizontino: reconhece sua história, mas a reinterpreta à luz de novos paradigmas políticos e epistemológicos. Ao colocar a autonomia no centro da militância, o movimento rompe com a dependência institucional e propõe uma prática política radicalmente encarnada, feita de corpo, afeto e criação. Se o Estado e as instituições produzem políticas de “inclusão”, o MovAT responde com políticas de existência, nas quais viver, ocupar a rua e criar coletivamente tornam-se gestos de insurgência e elaboração de futuro.

3 Epistemologias situadas, trajetórias e práticas políticas do MovAT

3.1 Pesquisando o movimento: metodologias de dentro

A construção deste trabalho parte de uma escolha teórica e política que atravessa também seu método: compreender o MovAT a partir de dentro, reconhecendo que as pessoas que pesquisam e as pessoas pesquisadas são, aqui, as mesmas. Trata-se de um gesto de recusa à cisnormatividade epistêmica e à pretensa neutralidade científica que historicamente apagaram as vozes e experiências trans e travestis dos processos de produção de conhecimento.

Assumir o lugar de fala das pessoas trans e travestis que compõem o MovAT é adotar o que Donna Haraway (2023) denomina epistemologias situadas, isto é, uma prática de conhecimento que reconhece a parcialidade e a corporificação de toda enunciação. Contudo, para “decolonizar a decolonialidade” (Mariana Selister-Gomes, Eduarda Quatrin-Casarin e Giovana Duarte, 2019) e situar esta pesquisa em um marco epistêmico brasileiro, é fundamental ancorar esta prática nos conceitos fundacionais de Lélia Gonzalez (Ana Gretel Echazú Böschemeier e Mónica Inés Cejas, 2021) e Conceição Evaristo (Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, 2020). A “amefricanidade” de Gonzalez oferece a categoria político-

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

cultural que situa a experiência epistêmica brasileira na diáspora, enquanto a “Escrevivência” de Evaristo define a metodologia desta pesquisa: uma escrita que emerge da experiência e do corpo subalternizado, sendo inseparavelmente individual e coletiva. Diferentemente do ponto de vista universal e desincorporado da ciência moderna, o saber situado parte da experiência concreta, dos afetos e da responsabilidade política de quem fala. Nesse sentido, a produção de conhecimento sobre o MovAT não se propõe neutra, mas comprometida com a luta coletiva que o movimento encarna.

As epistemologias situadas dialogam diretamente com o campo transfeminista, que, como argumenta Leticia Nascimento (2021), não é apenas um conjunto de teorias, mas uma prática política e coletiva de resistência. O transfeminismo propõe um deslocamento radical do lugar da teoria, compreendendo que a experiência travesti e trans é, por si mesma, produtora de conhecimento. Como aponta Amanda Palha (2019), trata-se de reinscrever nossas corporalidades como fontes legítimas de reflexão e de ação política, recusando a hierarquia entre quem vive e quem pensa. Assim, a pesquisa sobre o MovAT é também um exercício de reapropriação epistêmica, no qual o corpo e a experiência se tornam elementos centrais de análise.

Essa metodologia de dentro, de natureza qualitativa e participativa, combina pesquisa bibliográfica e documental, análise de publicações em redes sociais, materiais jornalísticos e relatos orais de pessoas participantes do movimento. O uso dessas fontes plurais permite compreender tanto as dimensões objetivas da organização – como suas práticas, ações e formas de mobilização – quanto os aspectos subjetivos e afetivos que sustentam sua existência. As reuniões, assembleias e eventos do MovAT constituíram, portanto, não apenas espaços de observação, mas também de convivência e aprendizado mútuo, onde o trabalho de pesquisa se confundiu com o próprio fazer político do movimento.

A pesquisa se fundamenta em uma ética da implicação, próxima daquilo que bell hooks (2017) denomina pedagogia engajada: o conhecimento como prática de liberdade e de transformação. Isso significa que a participação das pessoas pesquisadoras nas ações do

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

MovAT não é vista como um viés, mas como condição de possibilidade para compreender as dinâmicas que atravessam o movimento. A observação participante, nesse contexto, é mais do que um método: é um modo de estar no mundo junto a outras pessoas, de compartilhar o cotidiano e de produzir saberes na relação.

Essa perspectiva metodológica encontra eco nas formulações de Viviane Vergueiro (2015), que, em sua análise da cisgeneridade como normatividade, defende a autoetnografia como desobediência epistêmica. Ao narrar e teorizar a partir das próprias experiências, pessoas trans e travestis rompem com o lugar de objeto e se afirmam como sujeitas de conhecimento. Da mesma forma, o presente estudo não pretende “descrever” o MovAT como um fenômeno externo, mas construir conhecimento junto com o movimento, reconhecendo a potência política e epistemológica de suas práticas.

Como observa María Lugones (2020), as margens são lugares de criação, não apenas de resistência. Pesquisar desde as margens travestis e trans implica deslocar as fronteiras daquilo que é reconhecido como teoria, transformando a experiência em categoria analítica. Nesse sentido, o artigo se insere em uma tradição de pesquisa decolonial e insurgente, que toma o corpo como território de conhecimento e o território urbano de Belo Horizonte como campo vivo de disputas, encontros e invenções políticas. Já Sayak Valencia (2022) compreende o transfeminismo enquanto epistemologia e prática, é um movimento de repolitização da diferença. Aplicado ao contexto do MovAT, isso significa entender que o fazer político trans e travesti não se limita à reivindicação por direitos, mas produz novas formas de sociabilidade, afeto e resistência. Desta maneira, metodologicamente, acompanha-se essa lógica: ela não busca apenas registrar ou analisar, mas se engajar ativamente na produção coletiva de saberes que afirmam a vida trans e travesti como horizonte político.

Assim, o processo de pesquisa se constituiu como uma experiência compartilhada, na qual as fronteiras entre quem escreve e quem é escrito se tornam porosas. A produção de dados se confunde com o cotidiano da militância, e o texto se constrói como uma “escrevivência”, uma escrita de si coletiva, gesto que, que define o transfeminismo negro de pensadoras como

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) como destaca Berenice Bento (2021), é uma forma de insurgência contra o regime de verdade cisheteronormativo que historicamente define quem pode produzir conhecimento.

As pessoas que permitiram que seus depoimentos fossem inseridos na pesquisa e devidamente identificadas, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), instruindo-as sobre a pesquisa, o uso de seus relatos e também a identificação de seus nomes. A visibilidade de pessoas trans e travestis é considerada uma forma de produção de existência e (re)sistência, desta maneira, nomear aquelas, aqueles e aqueles que constroem essa luta, também é um ato político de valorização e respeito.

A metodologia aqui adotada, portanto, é inseparável da ética e da política que a sustentam. Mais do que descrever um movimento, ela visa fortalecer as vozes, memórias e saberes que emergem do próprio MovAT, contribuindo para que o conhecimento acadêmico se torne também um espaço de afirmação e resistência. Pesquisar o MovAT é, nesse sentido, um ato de continuidade da luta: uma forma de inscrever no campo da escrita e da teoria aquilo que os corpos já afirmam nas ruas: a possibilidade de existir, pensar e transformar o mundo desde as margens.

3.2 Autonomia, coletividade e cultura como resistência

A trajetória do MovAT é marcada pela criação de espaços coletivos de convivência, formação e produção cultural que articulam política e estética como dimensões inseparáveis. Desde sua fundação, o movimento tem apostado na cultura como forma de afirmação da vida trans e travesti, compreendendo a arte, a rua e o corpo como territórios de luta e de reinvenção da cidade.

João Maria, relata o início do movimento e como ocorreram as primeiras articulações:

O MovATBH começou com a primeira caminhada T do estado, talvez do Brasil [...]. A caminhada tinha o tema: “luto pelo direito de ser e viver”. Foi

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

idealizada por mim, João Maria, e produzida junto a Juhlia Santos, em janeiro de 2017. Caminhamos em luto e silêncio para chamar a atenção em relação às mortes e, no ano seguinte, resolvemos que só a caminhada era pouco, a gente queria fazer parcerias, convidar pessoas pra somar e fazer a semana da visibilidade. Em 2019, se não me engano, um pequeno grupo de pessoas que produziram a semana da visibilidade T no ano anterior, após reuniões, decidiu se transformar em coletivo, o MovaT.

Essa compreensão é expressa com nitidez na fala de César integrante do movimento desde 2018:

Então, eu sou César, eu atuo junto com o MovAT desde 2018. É, a importância do movimento para a cidade é indiscutível, né? Já são vários anos criando espaços de discussão, acolhimento, convivência em prol de pessoas trans, né? Na luta pelo direito mesmo de existir. E é isso, fico muito satisfeito com todos esses anos de atuação. Importante que a gente fortaleça também. Também para que a gente ainda caminhe mais, né, e conquiste mais espaços e possibilidades. E é isso. MovAT é esse espaço onde várias pessoas se reúnem, se organizam e buscam movimentos, né, e estratégias para um futuro mais inclusivo e humano⁵.

Este movimento é muito importante pra cidade, para as pessoas trans, porque possibilita encontros, trocas entre pares, muita gente estava isolada, e pode se conectar com outras pessoas através dos eventos, além de fortalecer as redes de apoio, de afeto, de estratégias de sobrevivência. (...) Acredito que devemos seguir fazendo tudo isso acontecer, por nós que estamos vivos aqui e agora, em memória das pessoas que já se foram e, principalmente, para que as próximas gerações tenham um caminho de mais dignidade e direitos garantidos. Tenho orgulho demais de fazer parte desta história, que começa muito antes do MovaT. É incrível estarmos juntas e movimentando arte, cultura, educação, ações sociais... é lindo ver a nossa força e nosso poder de transformar BH, região metropolitana, a sociedade como um todo, quando estamos unidas e conseguimos nos organizar. Longa vida e que as próximas pessoas participantes continuem se empenhando para que a caminhada da visibilidade T, no dia 29 de janeiro, seja cada ano maior, reúna cada vez mais pessoas, com bloco, alegria, amor e, quem sabe um dia, a nossa caminhada esteja no calendário do município, como reconhecimento da sociedade e do

⁵ Cabe registrar que, durante o processo de seleção das interlocutoras, foram convidadas também outras pessoas que atuam na construção do movimento há mais tempo e que possuem reconhecida trajetória política. Entretanto, apesar das tentativas de contato realizadas, algumas não manifestaram interesse em participar da pesquisa e outras não puderam responder ou conceder entrevista dentro do prazo necessário para a coleta de dados.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

poder público sobre a importância dos nossos corpos vivos, livres e ocupando a cidade (João Maria).

Os depoimentos de César e João Maria, revelam o que constitui o núcleo político e afetivo do MovAT: a produção de comunidade como prática de resistência (bell hooks, 2017). Mais do que reivindicar direitos, o movimento constrói um campo de convivência em que o existir trans e travesti é celebrado, acolhido e partilhado. Essa perspectiva se aproxima da noção de política da vida, formulada por autoras como Berenice Bento (2021) e Sayak Valencia (2022), segundo as quais resistir, para corpos dissidentes, é também criar condições para a própria continuidade da vida coletiva, comum e insurgente.

A cidade também ganha pois tem a chance de ter melhores informações, na semana da visibilidade os eixos dos grupos de trabalho, rodas de conversa, entre outras ações, por exemplo, possibilitam uma maior compreensão das pautas T, naturalizam a presença dos nossos corpos nos espaços, fazem diálogo com a sociedade civil e o poder público. São inúmeras ações realizadas coletivamente, inclusive na pandemia a construção continuou, extensa programação online aberta ao público e mapeamento para distribuição de cestas básicas para aquelas pessoas que mais necessitavam. E a cada ano novas ideias e forças de trabalho fazem o movimento crescer, atingir mais pessoas (João Maria).

Entre as ações promovidas pelo movimento, como relatado por João Maria, destaca-se a realização das Caminhadas da Visibilidade Trans em Belo Horizonte, organizadas desde 2017 em torno do 29 de janeiro, data instituída como Dia Nacional da Visibilidade Trans em 2004. As caminhadas, realizadas nos anos de 2023 e 2024, contaram com a participação de baterias de blocos aliados da cidade, grupos alinhados a pautas LGBTQIAPN+, raciais e feministas, que foram convidados a compor o cortejo. Durante os eventos, um trio elétrico abrigava representantes transexuais, travestis e não binários, que se revezavam entre discursos políticos e performances artísticas, acompanhadas por ritmos carnavalescos característicos da cidade. Regentes de blocos aliados organizaram coletivamente os arranjos rítmicos e conduziram o desfile em um gesto de solidariedade intercoletiva.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A partir das reuniões de 2024, o MovAT iniciou o projeto de formação de uma bateria exclusivamente composta por pessoas trans e travestis, com o objetivo de ampliar a atuação musical e política do grupo. Essa iniciativa resultou na criação do Bloco MovAT, que desfilou no carnaval de 2025 com a primeira bateria trans do estado de Minas Gerais (Paloma Moraes, 2025). O projeto foi viabilizado por meio de editais de incentivo cultural, o que permitiu a compra de instrumentos (caixas, surdos, agogôs e xequerês), além da remuneração de pessoas envolvidas na formação e produção do cortejo. As oficinas musicais, planejadas para o ciclo 2025-2026, consolidam o Bloco como um espaço contínuo de formação, criação e pertencimento.

Durante o desfile de 2024, Juhlia Santos⁶ (entrevista concedida a Fernanda Tubamoto, 2024), integrante do movimento e atual vereadora de Belo Horizonte, sintetizou o sentido político dessa presença trans e travesti no carnaval da cidade:

A chuva nunca parou o Carnaval de Belo Horizonte, e dessa vez a gente chega, pela primeira vez, como um bloco. Já estamos no nosso sétimo ano da Caminhada, e o Carnaval sempre dialogou conosco, ainda mais por promovermos nossa Caminhada muito próximo desse evento. Estaremos nos manifestando pela condição inegociável de humanidade, que ainda não conquistamos porque nossas pautas ainda são muito frágeis, e o poder público não olha para a gente enquanto cidadãos e cidadãs.

A fala de Juhlia traduz o modo como o MovAT compreende a cultura como campo de disputa e de afirmação de humanidade. O carnaval, nesse contexto, não é apenas um evento festivo, mas um território de resistência, onde corpos trans e travestis reivindicam visibilidade

⁶ Juhlia Santos, eleita vereadora de Belo Horizonte pelo Partido Socialismo e Liberdade (Psol) com 6.703 votos em 2024, é comunicadora, atriz, produtora cultural e *performer*. Primeira mulher quilombola e travesti a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal, integra o Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango, espaço de resistência e preservação da herança cultural e espiritual afro-brasileira. Sua trajetória institucional iniciou-se em 2018, quando se candidatou a deputada estadual, tendo participado em 2022 da chapa coletiva Mulheres Negras Sim. Entre suas prioridades estão a emergência climática, a defesa dos quilombos, o enfrentamento ao racismo, a promoção dos direitos LGBTQIA+ e o fortalecimento da cultura, articulando ainda propostas de arborização, criação de parques e corredores ecológicos, bem como a preservação das serras e dos cursos d'água diante da exploração predatória.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

e denunciam a negligência estatal. É crucial situar essa ação no contexto específico do carnaval de Belo Horizonte, que desde seu “renascimento” pós-2009 é compreendido pela literatura acadêmica como um movimento social em si, um campo de luta agonística pelo direito à cidade (Paola Lisboa Codo Dias, 2015). O Bloco MovAT, portanto, não está apenas no carnaval; ele é um capítulo central da guerra política (Frederico Canuto, 2016) que define o carnaval de BH.

Mais do que um grupo carnavalesco, o Bloco MovAT é uma extensão da luta política do movimento. Ao ocupar o carnaval de Belo Horizonte – uma das manifestações culturais mais expressivas e politizadas da cidade –, o MovAT faz do corpo trans e travesti um corpo que vibra, toca e transforma o espaço público. A bateria coletiva converte-se em gesto de insurgência sonora: o batuque torna-se linguagem política, o desfile torna-se ocupação, e o carnaval torna-se território de visibilidade e afirmação.

O Bloco do MovAT se destaca por promover a visibilidade e inclusão da comunidade trans e travesti durante o Carnaval de Belo Horizonte. É um bloco de rua que celebra e festeja, mas que também cumpre uma função social ativista buscando a conscientização e a luta contra o preconceito. Durante o desfile, o Bloco do MovAT cria um ambiente seguro e acolhedor onde pessoas trans podem brincar o Carnaval e expressar suas identidades livremente, desafiando estereótipos e preconceitos. Além disso, o bloco distribui materiais informativos sobre os direitos da comunidade trans, realiza campanhas de prevenção à violência e promoção da saúde integral. Com performances artísticas, dançarinos, DJs e outros artistas trans, o Bloco do MovAT celebra a cultura e a criatividade dessa população, fortalecendo os laços comunitários e promovendo a solidariedade. A iniciativa também inclui atividades formativas e feiras de empregabilidade ao longo do ano e na semana anterior ao cortejo do bloco, contribuindo para a inclusão social e o bem-estar da comunidade trans e travesti (Bloco..., 2025).

Essas experiências evidenciam o modo como o MovAT articula autonomia, coletividade e cultura em uma mesma gramática política. A organização horizontal do movimento se reflete também na forma como suas ações culturais são concebidas: colaborativas, afetivas e pedagógicas. Em suas oficinas e reuniões, a produção de conhecimento é compartilhada, e a formação política se entrelaça à criação artística. Trata-se, portanto, de uma pedagogia

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

transfeminista em ação, na qual o aprendizado não se separa do fazer e o fazer é, por si só, um ato de resistência.

Como sintetiza a fala de César, o MovAT é um espaço que projeta futuros: “um futuro mais inclusivo e humano”, que se constrói no presente, nas alianças, nas batidas dos tambores e nos corpos que dançam e marcham. Nessa perspectiva, o movimento afirma que existir é resistir, e que cada gesto coletivo é uma tentativa de refundar o comum a partir das margens.

4 Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo demonstrou que o MovAT constitui uma experiência política singular, cuja contribuição teórica se articula em três eixos centrais. Primeiro, no campo da teoria dos movimentos sociais, o MovAT exemplifica a interseção contemporânea entre o transfeminismo e o repertório autonomista que define o ativismo brasileiro pós-2013. Ao operar fora da lógica tutelar e afirmar a horizontalidade, o movimento não apenas representa uma “continuidade crítica” da militância trans e travesti em BH, mas se estabelece como um caso exemplar de uma nova gramática política nacional.

Segundo, no campo dos estudos decoloniais e da metodologia, o artigo demonstrou a potência de um arcabouço transfeminista decolonial brasileiro. Ao justificar sua “metodologia de dentro” não apenas por epistemologias situadas, mas fundamentalmente pela “amefricanidade” de Lélia Gonzalez e pela “escrevivência” de Conceição Evaristo, a práxis do MovAT e a própria pesquisa praticam a decolonialidade que pregam. O saber situado é, aqui, um saber “americano” e corporificado na “escrita de si coletiva” de sujeitas transfeministas negras.

Terceiro, no campo dos estudos urbanos e de performance, a análise da práxis do MovAT (Caminhada e Bloco) foi aprofundada para além da “disputa simbólica”. O Bloco MovAT é uma tática de geopolítica encarnada, analisada através do conceito de corpo-território, no qual os corpos trans e travestis retomam o espaço urbano. Essa ação ganha densidade ao ser

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

situada na história política específica do carnaval de rua de Belo Horizonte, compreendido como um campo de guerra agonística pelo direito à cidade.

Diante disso, conclui-se que o MovAT apresenta contribuição substantiva para a compreensão das formas contemporâneas de organização política trans e travesti no Brasil. Sua afirmação de autonomia, sua aposta na cultura como campo de disputa e sua capacidade de criar comunidade constituem elementos fundamentais para pensar alternativas políticas em um contexto de crescente fragilização dos direitos e de intensificação das violências cisnormativas. Registrar sua história é reconhecer sua relevância e fortalecer um processo coletivo que, ao afirmar a vida trans, amplia o horizonte democrático e projeta futuros possíveis ancorados na dignidade, na partilha e na ação coletiva.

Referências bibliográficas

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. “**Cisgênero**” nos discursos feministas: uma palavra “tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida”. Campinas: Unicamp, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.iel.unicamp.br/cisgenero-nos-discursos-feministas-uma-palavra-tao-defendida-tao-atacada-tao-pouco-entendida/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

BENEVIDES, Bruna. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 3. ed. Salvador: EdUFBA, 2021.

BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in public. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 24, n. 2, p. 547-566, 1998. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/448884>. Acesso em: 22 out. 2025.

BLOCO do MovAT – Movimento Autônomo Trans de Belo Horizonte e Região Metropolitana. **Portal Belo Horizonte**, 16 fev. 2025. Disponível em: <https://portalbelohorizonte.com.br/carnaval/2025/programacao/bloco-de-rua/desfile/bloco-do-movat---movimento-autonomo-trans-de-belo-horizonte-e-regiao-metropolitana-16930>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

CANUTO, Frederico. Da carnavalização do planejamento urbano para Belo Horizonte-para-a-guerra: da política ao político e vice-versa. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 18, n. 3, p. 485-506, 2016. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5373/pdf>. Acesso em: 14 nov. 2025.

COACCI, Thiago. Movimento trans em Belo Horizonte: resgatando o histórico e mapeando o presente. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 55, p. e195518, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656404>. Acesso em: 3 nov. 2025.

DIAS, Paola Lisboa Côdo. **Sob a “lente do espaço vivido”**: a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ECHAZÚ-BÖSCHEMEIER, Ana Gretel; CEJAS, Mónica Inés. A categoria político-cultural de amefricanidade: Lélia González. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 66-89, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/40454/31497>. Acesso em: 14 nov. 2015.

FARIA, Flávia de. Ativismo, instituição e repertório autonomista: uma etnografia sobre coletivos políticos. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 8, n. 20, p. 177-198, 2020. Disponível em: https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/rbs.741/pdf_741. Acesso em: 14 nov. 2025.

GALLO, Sílvio. **Pedagogia libertária**: anarquistas, anarquismos e educação. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

HARAWAY, Donna. **Ciência, ciborgues e mulheres**: a reinvenção da natureza. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de (Org.). **Transfeminismo**: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. [s.n.]: Brasília, 2012.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83.

MORAIS, Paloma. GRATUITO – Bloco MovAT desfila com primeira bateria trans do estado. **Pula BH**, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://pulabh.com.br/carnaval/gratuito-bloco-movat-desfila-com-primeira-bateria-trans-do-estado/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PALHA, Amanda. Transfeminismo e construção revolucionária. **Margem Esquerda**, São Paulo, n. 33, p. 38-44, 2019.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MENDES, Bárbara Gonçalves; LAMOUNIER, Gab; CARNEIRO, Júlia; VIDAL, Júlia Silva; COSTA, Nicole Gonçalves da; FREITAS, Rafaela Vasconcelos de; BASTOS, Sophia Pires. **Relatório do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT sobre inquéritos policiais envolvendo travestis e transexuais no estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: NUH, 2018.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Natal, v. 4, n. 05, p. 18-44, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>. Acesso em: 22 out. 2025.

SAID, Tabita; TENÓRIO, Joyce. Nova geração de intelectuais transgêneros está movimentando o universo acadêmico. **Jornal da USP**, 29 jan. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/nova-geracao-de-intelectuais-transgenero-esta-movimentando-o-universo-academico/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

SCHERER-WARREN, Ilse. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. **Revista Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 13-34, 2014. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p13/28899>. Acesso em: 14 nov. 2025.

Da organização à resistência: A consolidação do movimento autônomo Trans e Travesti de Belo Horizonte e região metropolitana (MOVAT)

BÊ TY MBURIBÁ ELIAN & DANDARA DA COSTA ROCHA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

SELISTER-GOMES, Mariana; QUATRIN-CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um estudo bibliométrico. *CS*, Santiago de Cali, n. 29, p. 47-68, 2019. Disponível em: https://www.icesi.edu.co/revistas/index.php/revista_cs/article/view/3186/3736. Acesso em: 14 nov. 2025.

SERANO, Julia. **Whipping girl**: a transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity. Berkeley: Seal Press, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TUBAMOTO, Fernanda. Bloco MovAT promove a 7ª Caminhada Pelas Vidas Trans. **Estado de Minas**, 28 jan. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/gerais/2024/01/6793971-bloco-movat-promove-a-7-caminhada-pelas-vidas-trans.html>. Acesso em: 13 nov. 2025.

VALENCIA, Sayak. O transfeminismo não é um genderismo. **Revista X**, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 250-264, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/84398/46076>. Acesso em: 20 out. 2025.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 20 out. 2025.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet**: queer politics and social theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.